

a redação baseada em texto

Paulo Simões

Vários alunos, por absoluta falta de orientação, acreditam que a redação baseada em texto deve consistir na repetição do pensamento do autor, tendo-se apenas o cuidado de modificar as palavras. Assim, estes alunos, após terem escrito dez ou doze linhas, parafraseando o texto, já não têm mais o que dizer e então sofrem em cima de uma fôlha de papel e terminam por repetir o que disseram, *que já era repetição*, ou *se afastam da proposição do texto*, achando que nada mais poderiam acrescentar.

O fundamental, na redação baseada em texto, não é a repetição, mas a *demonstração* de uma idéia do texto, para a qual o aluno utilizará análise, exemplos, comparações e todo argumento inteligente que a imaginação e a cultura lhe proporcionam no momento.

Para exemplificar concretamente o que venha a ser a *demonstração* de uma idéia, tomemos o texto que se segue:

"O que faz a grandeza do educador, além do amor das crianças e da intuição psicológica, é o poder de moldar as almas segundo uma concepção íntima do homem. Neste sentido, o grande educador é sempre um humanista (falo do humanismo íntimo, que é amor e conhecimento humano). Não se concebe que o educador ignore, ou não procure conhecer, cada vez melhor, as necessidades e as virtualidades físicas e morais do homem. Nada do que é humano lhe pode ser alheio. Não se concebe um artista que não domine inteiramente, pela inteligência e pelo coração, o material em que trabalha."

(Jacinto Prado Coelho — do livro
"A Educação do Sentimento Patriótico".)

E dêsse texto extraímos a seguinte idéia:

"O educador precisa conhecer o espírito humano."

O que temos que fazer é, fundamentalmente, demonstrar esta proposição, não repeti-la. Para consegui-lo, vamos decompor o espírito humano em dois aspectos:

O aspecto positivo (ideais, vocação, virtualidades) e o aspecto negativo (defeitos, insegurança, temores).

Partindo dêste desdobramento, poderemos argumentar com a necessidade de o educador conhecer os ideais, a vocação e as virtualidades do jovem que lhe foi confiado, a fim de que possa estimulá-lo, desenvolver-lhe as aptidões, encorajá-lo na consecução dos ideais. Por outro lado, precisa conhecer-lhe as falhas e a insegurança, para corrigi-las e compensá-las.

Poderíamos, ainda, insistir com a responsabilidade do educador que decorre da preciosidade do material que ele tem em mãos. *Ele precisa realmente conhecer o educando*, para orientar com segurança. Não pode fazer experiências, porque, em caso de fracasso, estará pondo a perder o que há de mais precioso na natureza: a alma humana.

Procurando, então, centralizar tôdas essas perspectivas no sentido de *desenvolver, de demonstrar* a idéia proposta, poderíamos elaborar uma redação assim, por exemplo:

O EDUCADOR E O JOVEM

Tradicionalmente, a humanidade tem exigido dos educadores uma conduta pessoal inatacável e a energia necessária para impor aos jovens confiados à sua guarda os padrões morais vigentes na época.

Gradativamente, porém, fomos-nos convencendo de que o educador precisa conhecer o espírito humano em suas linhas gerais, compreender-lhe os impulsos e não ignorar os métodos de conduzi-los e orientá-los para o bem. As virtualidades do homem, a sua vocação e os seus ideais, para que se realizem plenamente, carecem da palavra sábia que os desperte e da mão amiga que lhes aponte o caminho. Do contrário, irão medrar timidamente, terminando, talvez, por atrofiar-se.

Por outro lado, o educador sem afinidade com o mundo íntimo dos jovens não poderia auxiliá-los a superar a insegurança tão característica dos primeiros anos, nem corrigir-lhes os defeitos.

Como apontar o remédio, quando se desconhece o mal? O mestre sem vocação pode ser comparado ao pintor que desconhece o efeito que obterá com a mistura de suas tintas. Este, porém, pode-se permitir a experiência, porquanto, se falhar, apenas estragará uma tela, que pode ser facilmente substituída. Já aquêle precisa ter absoluto conhecimento do terreno em que pisa, porque, em caso de fracasso, estará determinando uma perda irreparável.

Não há dúvida de que ao educador não bastam energia e honestidade. Para a consecução de sua difícil tarefa, são-lhe indispensáveis certas aptidões especiais, que a psicologia resumiu sob o nome de intuição e que, popularmente, conhecemos como "jeito para a coisa".

Seguem-se outros textos e respectivas demonstrações.

Texto n.º 1

"Quão esmagadora deve ser a frustração dêsse jovem — dêsse moço americano — que se vê encerrado numa favela, recebe uma educação inferior, não tem condições de encontrar trabalho e ainda por cima precisa enfrentar os preconceitos ostensivos e as hostilidades sutis de um mundo branco que é incapaz de resolver a sua situação ou preparar-lhe o futuro.

É aí — e não na charada frenética da oratória revolucionária — que se encontram as raízes do nacionalismo negro e do racismo ao contrário."

(Robert Kennedy — do livro
"Luta por um Mundo Melhor".)

Demonstração:

A ORIGEM DOS CONFLITOS RACIAIS

Tão freqüentes têm sido, nos últimos tempos, as notícias de conflitos raciais oriundas dos Estados Unidos, que a humanidade, inicialmente estarecida, vai-se, pouco a pouco, habituando a êste tristíssimo fato que convulsiona, já há longos anos, a vida americana.

As mais diversas explicações para o fenômeno foram arroladas; nenhuma, porém, plenamente satisfatória. O jovem negro — costumava-se dizer — impellido pela pregação inflamada de falsos líderes, vai às ruas, surgindo então os tumultos aos quais se seguem, inevitavelmente, o saque, a depredação e, às vêzes, a morte.

Modernamente, porém, surgiram outras explicações mais convincentes e mais em consonância com a gravidade dos fatos. Não há dúvida de que a verdadeira origem dos tumultos raciais está em fatores de natureza sócio-econômica.

Não se pode, efetivamente, admitir que milhares de homens se lancem às manifestações, expondo-se às violentas repressões policiais, levando apenas por um chamamento histérico, repleto de ódio e vazios de finalidade construtiva. Se êsses homens tivessem conquistado uma situação econômica mediana e relativamente estável, não a exporiam levemente, nem arriscariam a vida e a futura segurança dos filhos. É o

seu desespero que os impele. É a privação e o sofrimento que os transtorna. São jovens sem escola, pais de família sem emprego, velhos sem pão e sem repouso. Eles ajudaram a construir a mais rica sociedade do mundo e se vêem às portas da miséria. Observe-se a extensão dos ataques à propriedade e a quase inexistência de atentados contra a pessoa praticados pelos manifestantes negros e ficará bem claro que os não motiva o ódio pelo branco. Eles se voltam contra a propriedade, porque ela simboliza a sua frustração, a segurança que eles não possuem, o conforto de que eles não desfrutam, o futuro dos filhos que eles não podem garantir, a injustiça social de que são vítimas, a testemunha do sofrimento senlar de sua raça.

Texto n.º 2

"Muitas vezes ouvi-vos dizer, como se estivésseis falando em sonho: "Aquêle que trabalha no mármore e encontra na pedra a forma de sua alma, é mais nobre do que aquêle que lavra a terra.

"E aquêle que agarra o arco-íris e o estende na tela em formas humanas é superior ao que confecciona sandálias para os nossos pés.

"Porém eu vos digo, e não em sonho, mas em pleno despertar do meio-dia, que o vento não trata com maior suavidade aos carvalhos gigantes do que à menor das fôlhas da relva.

"E grande é somente aquêle que faz do ulular do vento uma canção tornada mais suave pelo próprio amor."

(Khalil Gibran — do livro
"O Profeta".)

As profissões, em si, não são nobres, nem deixam de sê-lo.

Elas são engrandecidas ou aviltadas cotidianamente, conforme o altruísmo ou a mesquinhez com que são exercidas. Na atividade do intelectual não há, a rigor, nobreza ou mérito inerente. A inteligência pode ser meritória, se posta a serviço da humanidade; se, ao invés, o cientista se dedica à confecção de armas destruidoras e o artista à satisfação de seus interesses pessoais e o escritor põe a eloquência à disposição da injustiça, estarão desservindo a humanidade ao mesmo tempo em que se envilecem e se corrompem.

Em contraposição, que fundamento há para considerarmos inferior o labutar modesto do agricultor, o suor do operário ou a rudeza do peão? Se suas atividades, eles as exercem com idealismo, dedicação e amor, estão-se ligando à comunidade, engrandecendo a condição humana e vivendo os ideais de fraternidade que não puderam, talvez, conscientizar.

Apenas os valores morais — a pureza das intenções, o despreendimento e o espírito de fraternidade — podem-se constituir em termômetro idôneo para avaliar a nobreza humana.

Demonstração:

O VALOR DO TRABALHO HUMANO

Vem de muito longe o mito das profissões aristocráticas. Os homens, por orgulho ou ignorância superestimaram sempre o mérito das profissões intelectuais e artísticas, relegando a plano secundário as atividades meramente artesanais.

Hoje, estamos convencidos de que não há fundamento para tais concepções. A nobreza de um trabalho não está em suas proporções, nem em sua importância, mas no modo de executá-lo.

Que argumentos encontraríamos para defender a tese da superioridade das funções do cientista sobre as do operário humilde? Não são ambos igualmente indispensáveis à sociedade?